

A influência helenística na formação paulina e a expansão do cristianismo no século I

José Joaquim Pereira Melo¹
Roseli Gall do Amaral da Silva²

Resumo: A concepção de homem e de sociedade elaborada por Paulo de Tarso, referendada em Cristo, partiu dos ideais de Cristo, mas recebeu influências do contato entre a cultura hebraica e a cultura clássica, constituindo-se assim, contraditoriamente, elemento condutor de todo o processo educativo, na negação do referencial de homem grego e na construção do perfil de homem ideal que o cristianismo pretendia formar: O homem santo à semelhança de Cristo. As transformações ocorridas no pensamento filosófico greco-romano, a partir do helenismo, constituíram fator a favorecer as mudanças que se estabeleceram no mundo antigo e que influenciaram o nascimento da doutrina cristã.

Palavras-chave: Educação, História, Cristianismo Primitivo, Paulo de Tarso, Helenismo

The hellenistic influence in training of paul of tarsus and the expansion of christianity in the 1st century

Abstract: The conception of man and society developed by Paul of Tarsus, ratified in Christ, departed from the ideals of Christ, but has been influenced by contact between Hebrew culture and classical culture, constituting thus, paradoxically, the conductive element of the whole educational process in denial of the benchmark Greek man and building the profile of the ideal man that Christianity meant to form: the holy man in the likeness of Christ. The changes occurring in the Greco-Roman philosophical thought, from Hellenism, constituted factor favoring changes that settled in the ancient world and influenced the birth of the Christian doctrine.

Key-words: Education, History, Early Christianity, Paul of Tarsus, Hellenism.

Recebido em 12/02/2014 - Aprovado em 24/04/2014

¹ Doutor em História e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1998) e Pós-Doutorado em História da Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007). Professor Associado da Universidade Estadual de Maringá. pereirameloneto@hotmail.com

² Aluna regular do Curso de Doutorado em Educação Pela Universidade Estadual de Maringá- UEM. Mestre em Educação (História da Educação) pela Universidade Estadual de Maringá-UEM. Atualmente é Professora da UTFPR-Campus Apucarana nos Cursos de Licenciatura em Química e Engenharia Têxtil. amararoseli@hotmail.com

Quando se trata de Cristianismo Primitivo faz-se necessário destacar um de seus primeiros sistematizadores: Paulo de Tarso. Formado no espírito do helenismo, duas culturas influenciaram a sua educação: a judaica e a greco-romana, o que foi determinante na construção de sua proposta pedagógica. Fundamentando-se na pedagogia judaica, destacou uma releitura de seus fundamentos e pressupostos. E nessa releitura, Paulo de Tarso possivelmente se apropriou de alguns aspectos da filosofia grega, apesar de negá-la.

No perfil histórico-biográfico de Paulo de Tarso, por meio de seu corpus de escritos, pode-se perceber uma formação reflexiva, produto de sua dupla pertença, provinda entre dois mundos, duas culturas: judaica e helenística.

Não se pode afirmar que Paulo de Tarso tenha frequentado as escolas de retórica, mas, no ambiente cultural em que foi formado, provavelmente tenha estado em contato com o modo de falar e de argumentar dos filósofos itinerantes de sua época.

Rinaldo Fabris (2003), além de comentar que é possível traçar um perfil histórico-biográfico de Paulo de Tarso, afirma que, por meio de seu *corpus* de escritos, pode-se perceber nele uma formação reflexiva, produto de sua dupla pertença, a dois mundos, duas culturas: judaica e helenística.

E no que diz respeito à formação helenista, o próprio Paulo de Tarso, na *Carta aos Romanos* se declarou devedor dos gregos. Esta afirmação revela um aspecto de sua formação, graças às suas origens e ao seu “currículo” formativo, a vivência na fronteira de dois mundos (judaico e helenístico), ambiente cultural típico que nele se refletiu.

Paulo de Tarso, como homem de seu tempo, moveu-se no mundo cultural greco-helenístico usando linguagens e imagens tiradas da vida urbana, com preferência pelos termos e expressões da vida comercial e administrativa.

Segundo Fabris, Paulo de Tarso escreveu em grego, tratava-se de um grego de nível médio, em uso no século I e chamado grego comum *koiné* (FABRIS, 2003, p. 58).

Assumiu metáforas inspiradas em acontecimentos contemporâneos ao período como as competições esportivas de Olímpia e Istmia (perto de Corinto) e utilizou terminologias militares para ressaltar o compromisso dos cristãos. A dupla pertença cultural de Paulo de Tarso o colocou na zona de fronteira, em que, por um processo de apropriação, deu-se um intercâmbio fecundo entre judaísmo e helenismo (FABRIS, 2003).

Do ambiente e das tradições judaicas ele recebeu técnicas de exegéticas e os critérios de interpretação, do mundo greco-romano ele aprendeu algumas formas de argumentação e os modelos da comunicação que eram ensinados nas escolas helenísticas e que estão documentados nos manuais e nos tratados de retórica na época. O que muito contribuiu para o exercício de seu magistério por meio de cartas.

Em suas cartas pode-se vislumbrar a matriz do roteiro formativo de Paulo de Tarso, sua linguagem e seu estilo grego trazendo os sinais de algumas inflexões semitizantes. No diálogo epistolar, com suas jovens comunidades cristãs, Paulo de Tarso recorria a alguns elementos da diatribe ou do debate em uso entre os mestres e propagadores do estoicismo popular.

Para compor sua concepção de homem, Paulo de Tarso tomou emprestado alguns termos e expressões que podem ser comparados aos da antropologia grega como: espírito, alma e corpo (SEVERINO, 1992). Como os filósofos e escritores neoplatônicos e estóicos de seu tempo, ele contrapôs o homem interior ao homem exterior, a precariedade das coisas visíveis frente à imutabilidade das invisíveis.

Apesar de todas essas influências, Paulo de Tarso atribuiu novas roupagens ao conceito antropológico determinado pela visão unitária bíblica, acrescentando a novidade da experiência cristã da ressurreição e o “dom” interior do Espírito de Deus, formalizados no homem de fé.

Josef Holzner (1959) comenta que o ambiente em que Paulo de Tarso cresceu pôde contribuir para explicar a influência helênica que se observa em sua proposta pedagógica:

Hoje, todos reconhecem que a maneira de pensar e a forma de vida dos gregos tiveram influência considerável sobre o espírito de Paulo, que deve ter vivido muito tempo em Tarso. Pensava, falava e escrevia em grego, como se fosse sua língua materna, enquanto que São Pedro carecia de intérprete sempre que se entregava à missão apostólica fora da Palestina, sobretudo para a correspondência epistolar (HOLZNER, 1959, p.19).

Holzner atenta para o fato de que as expressões nas cartas paulinas fazem alusão a acontecimentos assistidos por Paulo de Tarso ainda jovem em Tarso, como, por exemplo: a festa do solstício do verão que, acompanhada por quase toda a tradição das religiões de mistérios, terminavam em comemorações que eram associadas à ressurreição da natureza.

Nas epístolas paulinas várias vezes é mencionado o mistério da ressurreição.

O culto a Ísis também era muito difundido em Tarso. Era comum aos iniciados nos cultos a troca de vestes se revestindo de roupagens divinas quando de sua apresentação. Por exemplo, se o deus era representado por uma roupagem alusiva a um peixe, os iniciados se envolviam nas vestes que representavam a deidade.

Em suas epístolas Paulo de Tarso utiliza-se da expressão: “ revesti r-se de Cristo”, expressão de difícil aclimatação para quem não conhecia a tradição cultural (HOLZNER, 1959).

Holzner aponta ainda expressões, comuns a Tarso, como a inscrição assíria de Estrabão, afixada na entrada da cidade: “ Viandante, come e bebe e goza a vida: o resto não tem nenhuma importância” (ESTRABÃO apud HOLZNER, 1959, p. 5). Na primeira carta escrita aos coríntios aparece expressão semelhante numa paráfrase de Paulo de Tarso: “[...] se os mortos não ressuscitam, comamos e bebamos, pois amanhã morreremos” (I CORÍNTIOS 15,32b).

A expressão e o sentido da palavra “redenção”, numa analogia às cerimônias realizadas para dar liberdade a um escravo, também era comum em Tarso. Com as suas economias o escravo poderia pagar o preço de sua liberdade, depositando-a num templo. O senhor dirigia-se então com ele a esse templo, recebia a soma e vendia-o ao deus por esse dinheiro. O escravo então era considerado um “liberto de deus”, expressão carregada de sentido que Paulo de Tarso adapta em sua primeira epístola aos coríntios: “Porque o que foi chamado no Senhor, sendo escravo, é liberto do Senhor; semelhantemente o que foi chamado livre, sendo livre é escravo de Cristo. Por preço fostes comprados [...]” (I CORÍNTIOS 7,22).

Nesse sentido, Rinaldo Fabris (2003) comenta sobre essas apropriações. Na afirmação do autor, Paulo de Tarso, mais de uma vez recorreu à linguagem e às metáforas de alforria para definir a nova condição dos cristãos resgatados por Deus a alto preço e que se tornaram libertos de Cristo e livres em relação aos homens. Notado é o fato de que Paulo em suas cartas recorra continuamente à analogias e a terminologia da administração romana (FABRIS, 2003, p. 37).

O fato é que embora o centro de gravitação religiosa do mundo paulino fosse Jerusalém, tem-se a impressão em seu epistolário de que ele se moveu com desenvoltura nas metrópoles e nos grandes centros administrativos do Império.

E utiliza esta mesma configuração administrativa (Império) para explicar em uma das cartas consideradas deuteropaulinas, a carta aos Colossenses, o que ele chamou de império das trevas numa analogia entre as forças do mal contra, o que entendia como o reino de Deus. Distinguindo reino para designar as forças do bem e império para designar as forças do mal, como se pode observar em seus registros: “O qual nos tirou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor; no qual temos a redenção” (COLOSSENSES 3,13).

Outra questão interessante mencionada por Holzner (1959) é a contribuição de Athenodoro (século I a. C.), professor e amigo do Imperador Augusto (63 a. C -14 d.C.), da cidade de Tarso, na qual viveu seus últimos vinte anos. Lá estabeleceu um governo

municipal voltado para a cultura e educação. Os seus princípios éticos foram, portanto, muito difundidos em Tarso, principalmente no que diz respeito à consciência:

Será obra do acaso aparecer tantas vezes na Epístolas do apóstolo a palavra consciência, introduzida por Athenodoro nas normas de sua ética? Só conhecemos os pensamentos de Athenodoro através de Sêneca, seu grande admirador, que recolheu o seu respeito pela consciência ao escrever: “Habita em nós um espírito santo, observador vigilante dos nossos bons e maus pensamentos. Quando cometes actos que te honram, a todos é lícitos sabê-lo; se porém procedes indignamente, de que te serve ninguém o saber, se tu próprio o sabes?” (HOLZNER, 1959, p. 22).

Athenodoro apontava princípios éticos focados na consciência como morada de deus, enfatizava a vida e a relação com o próximo como se deus estivesse sempre presente e imprime a ideia de que as ações deveriam ser pautadas no princípio de que as conversas com deus poderiam ser ouvidas por todos (HOLZNER, 1959, p. 22).

Nas epístolas paulinas a noção de consciência já desenvolvida por Athenodoro se faz muito presente.

Nesse sentido, o ambiente em que Paulo de Tarso foi formado era o da civilização grega e da língua universal grega, fator que exerceu influência em seu magistério.

Para Werner Jaeger a filosofia grega foi a base e o instrumento metodológico que permitiu a discussão e a divulgação do cristianismo primitivo (JAEGER, 1991, p. 26).

Paulo de Tarso utilizou a retórica, em especial a figura retórica *amplificatio*, segundo Jaeger, pela qual o orador demonstra a partir do objeto retratado uma moral, uma causa de grandes benefícios ou males.

O corpo de fato não se compõe de um só membro, mas de vários [...] Se o conjunto fosse um só membro, onde estaria o corpo? Portanto há vários membros, mas um só corpo. O olho não pode dizer à mão: “Eu não preciso de tí”- nem a cabeça dizer aos pés: “Eu não preciso de vós”. Não só, mas até os membros do corpo que parecem mais fracos são necessários, e os que consideramos menos dignos de honra, são os que mais honramos. Quanto menos decentes, mais decentemente os tratamos: os que são decentes não precisam dessas atenções. Mas Deus compôs o

corpo dando mais honra ao que dela é desprovido, a fim de que não haja divisão no corpo, mas os membros tenham cuidado comum uns pelos outros. (I CORINTÍOS 12,14-25).

Identifica-se, no texto acima, a relação entre a fábula e os papéis sociais.³

É o que, segundo Paulo de Tarso, deveria ser desempenhado de forma fraterna, com igual valor e, sobretudo, dentro de uma nova forma social proposta pelo cristianismo, a igreja⁴. Nesse texto, o corpo representa a igreja, a nova forma social proposta pelo cristianismo.

Outro exemplo da utilização do recurso grego é a comparação estabelecida entre a preparação dos atletas gregos e o processo educacional cristão:

Não sabeis acaso que, no estádio, os corredores correm todos, mas um só recebe o prêmio? Correi, pois, de modo a levá-lo. Todos os atletas se impõem uma ascese rigorosa; eles, por uma coroa perecível, mas nós, por uma imperecível. Eu, portanto, corro assim: não vou às cegas; e o pugilismo, pratico-o assim: não dou golpes no vazio. Mas trato duramente o meu corpo e o mantenho submisso, a fim de que não ocorra que depois de ter proclamado a mensagem aos outros, eu mesmo venha a ser eliminado. (I CORÍNTIOS 9, 24-27).

O ambiente cultural e educacional de Paulo de Tarso permitiu um contato expressivo com as tradições filosóficas praticadas em Tarso, onde aprendeu a língua grega numa cidade cosmopolita (cheia de estrangeiros, costumes, religiões e tradições) e com um extenso comércio, onde sua família era de uma classe de artesãos judeus, negociantes. Esta convivência com duas culturas distintas, a judaica e a greco-romana, contribuiu para sua formação possibilitando uma compreensão maior do seu momento histórico.

³ Esta fábula foi utilizada por Menénio Agripa, narrado por Lívio, e encontrada em vários historiadores gregos. (JAEGER, 1991, p. 30).

⁴ O novo tipo cristão de comunidade humana, a igreja, *ekklēsia* em grego, significa originalmente assembléia dos cidadãos de uma polis grega (JAEGER, 1991, p. 31).

A missão: de judeu helenista a cristão

Nesse ambiente helenista, Paulo de Tarso apareceu no cenário da história cristã como presidente da execução de Estevão, o protomártir do cristianismo, “a cujos pés as testemunhas depuseram suas vestimentas” (ATOS 7, 58). A sua posição, neste caso, não queria dizer que estivesse investido de funções oficiais.

De acordo com os dizeres da passagem referida acima, ele apenas consentia na morte de Estevão⁵. O conflito com relação ao cristianismo nascente dava-se no fato de a mensagem cristã chocar-se com os interesses dos círculos judaicos dirigentes. Segundo Juan Mateos (1992), os primeiros adversários dos cristãos nascentes foram os próprios judeus, e dentre eles os fariseus.

Logo após o martírio de Estevão, onde Paulo de Tarso tomou parte ativa, dirigindo o movimento de perseguição contra os cristãos (ATOS 8,2-3; 22,4 -26; 1 CORÍNTIOS 15,9; GÁLATAS 1,13; FILIPENSES 3,6; 1 TIMÓTEO 1,13). Pediu cartas ao príncipe dos sacerdotes para as sinagogas de Damasco com o fim de levar presos para Jerusalém quantos achasse adeptos dessa nova doutrina (ATOS 9,1-2). Os romanos davam largos poderes aos judeus para exercerem a sua administração interna. O governador de Damasco que obedecia à direção do rei Aretas (9 a.C.- 40 d. C.), era particularmente favorável aos judeus (ATOS 9,23 -24; II CORÍNTIOS 11,32), favorecendo por este modo a perseguição de Paulo de Tarso aos cristãos.

Nota importante a observar, segundo o testemunho expresso de Lucas e do próprio Paulo de Tarso, é que este respirava ameaças de morte contra os discípulos de Jesus até ao momento da sua conversão⁶. Evento que, segundo a tradição cristã, ocorreu

⁵ Estevão, considerado o protomártir da tradição cristã não possui, no entanto, muitas evidências que atestem a sua existência no grupo cristão de Jerusalém e nem a sua morte pela lapidação ou apedrejamento pelos judeus da cidade. Sua presença marcante na igreja de Jerusalém é preservada, ao longo de todo o Novo Testamento, apenas pelo relato de Atos dos Apóstolos. (ATOS 7).

⁶ Não há dados precisos sobre a vida de Lucas, segundo a tradição nasceu em Antioquia na Síria, Asia Menor. Suas primeiras referências constam nas cartas paulinas. O livro dos Atos dos Apóstolos lhe é atribuído. Três passagens bíblicas citam Lucas pelo nome: as duas primeiras passagens bíblicas são Colossenses 4,14: “Saúda-vos Lucas, o médico amado, e também Demas”, e Filemom 1,23: “Saúdam-te Epafras, prisioneiro comigo, em Cristo Jesus, Marcos, Aristarco, Demas, e Lucas, meus cooperadores”. Dessas duas saudações resulta o seguinte: Lucas foi um dos colaboradores de Paulo no trabalho missionário entre os gentios. Uma vez que em Colossenses 4:1, Paulo destaca os colaboradores da circuncisão de forma específica, sem arrolar Lucas entre eles, supõe-se que Lucas era de família não judaica. Logo, Lucas era um gentio cristão. Do título de médico, atribuído a Lucas em Colossenses 4,14, deduz-se que ele era cientificamente instruído. Entre os primeiros pregadores do evangelho Lucas é, provavelmente, ao lado de Paulo, o único que havia adquirido uma formação mais aprimorada. A terceira passagem em que Lucas aparece é II Timóteo 4,11: “Somente Lucas está comigo”. Paulo de Tarso está no final de sua vida. Está preso em Roma pela segunda vez (por volta do ano 66). Seus

provavelmente pelo ano 45 d. C., quando, a caminho de Damasco, a fim de cumprir uma missão e após um suposto e misterioso encontro com Cristo, Paulo de Tarso tornou-se cristão (ATOS 26,14).

Sabe-se, então, que, a partir desta experiência, Paulo de Tarso converteu-se ao cristianismo e retirou-se para Arábia onde passou três anos aproximadamente, a fim de estudar e compreender a nova doutrina da qual se tornou defensor e propagador (SANCHES, 1997).

Sua mudança repentina do judaísmo para o cristianismo inquietou tanto aos judeus como aos cristãos, a ponto dos judeus o perseguirem e dos segundos demorem a confiar nele. Na ótica do próprio Paulo de Tarso, essa experiência no caminho de Damasco alterou o rumo de sua vida, apontando para uma suposta missão, pois como ele mesmo menciona, no judaísmo progrediu, ultrapassando a maioria dos de sua idade e, por zelo transbordante pelas tradições de seus pais, perseguiu buscando destruir o que, a princípio considerava uma nova seita:

Mas quando Aquele que me pôs à parte desde o seio de minha mãe e me chamou por sua graça houve por bem revelar em mim o seu Filho, a fim de que eu o anuncie entre os pagãos, imediatamente, sem recorrer a nenhum conselho humano, nem subir a Jerusalém para junto daqueles que eram apóstolos antes de mim, parti para a Arábia depois voltei a Damasco. A seguir, três anos depois, subi a Jerusalém para conhecer Cefas e fiquei quinze dias com ele, sem ver entretanto nenhum outro apóstolo, a não ser Tiago, irmão do Senhor. O que vos escrevo, digo-o diante de Deus, não é mentira. A seguir, fui para as regiões da Síria e da Cilícia. Mas o meu rosto era desconhecido das igrejas do Cristo que estão na Judéia; elas tinham simplesmente ouvido dizer: “Aquele que outrora nos perseguia anuncia agora a fé que então destruí” (GÁLATAS, 1, 13-23).

Essa missão estava direcionada à expansão do cristianismo entre os povos considerados pelos cristãos como gentios⁷

colaboradores estão todos em viagens missionárias, apenas Lucas lhe faz companhia na prisão, pouco antes de Paulo morrer. Há suposições que como Lucas, escreveu dois relatos – os Atos dos Apóstolos e o terceiro evangelho –, é possível que o relacionamento entre Paulo e Lucas existiu pelo menos desde a época em que Paulo viajou de Tróade para a Macedônia (CHARPENTIER, 1992).

⁷ Termo judaico e cristão para indicar aqueles que professam religiões não-monoteístas, isto é, pagãos. A qualificação “gentio” distinguiu o “povo eleito” dos demais povos. A palavra gentio designa um não-israelita e deriva do termo latino “gens” (significando “clã” ou um “grupo de famílias”) e é muitas vezes usada no plural. Os tradutores cristãos da Bíblia usaram esta palavra para designar coletivamente os povos e nações distintos do povo Israelita (BAUER, 2000).

Paulo de Tarso e a expansão do cristianismo primitivo

Quando se procura investigar por que o cristianismo (originalmente um produto da vida religiosa do Judaísmo) sofreu uma transformação completa, ou a antiga cultura grega adotou finalmente esta fé oriental (que parece tão afastada da forma clássica da mentalidade grega), tanto humanistas clássicos como cristãos enfrentam grandes dificuldades.

Segundo Werner Jaeger (1961), no terreno em que o cristianismo nasceu, a cultura grega já não apresentava as mesmas características de antropocentrismo que herdou. No período em que o cristianismo ofereceu o seu próprio conceito de homem e da vida, as subjacentes gerações da civilização “grega” passavam por uma crise moral e existencial em que o povo respirava temor a Deus:

[...] a cidade de Atenas, onde Paulo, ao caminhar pelas suas ruas, encontrava a cada passo os sinais de um povo temente a Deus, fora descrita quase com as mesmas palavras por Sófocles no seu *Édipo em Colono*: nessa cidade o sentimento religioso tinha raízes profundas (JAEGER, 1961, p.57).

O sentimento religioso, há séculos, já apontava para raízes monoteístas por meio de uma discussão filosófica, e no século I, esse sentimento já chegara aos ouvidos do homem comum. Arminda Lozano (1995), afirma:

[...] as diferentes escolas filosóficas, neste momento, tiveram entre outras perspectivas, o surgimento de um pensamento monoteísta que foi abrindo espaço graças a divulgação e popularização de ideais que cresciam juntamente com o progressivo enfraquecimento da fé nos antigos deuses, processo que já vinha se estabelecendo, [...]. Era mais viável tirar conclusões a partir da perfeita ordem existente no universo e assumir isto como produto de uma suprema razão ordenadora, ou seja, um deus, do que aceitar o que os pensadores anteriores já haviam formulado (LOZANO, 1995, p. 125).⁸

E justifica que essa ideia monoteísta, enraizada e ampliada, foi determinante para fundamentar a existência de um poder político forte, como a monarquia imposta pelas

⁸ [...] las distintas escuelas filosóficas actuantes en esta época, tuvo entre otras repercusiones apreciables la emergencia de un pensamiento monoteísta que fue abriéndose paso gracias a la divulgación y popularización de dicho ideário, unido al progresivo debilitamiento de la fe en los antiguos dioses, proceso este ya en marcha, [...]. Era más factible sacar conclusiones derivadas de la constatación del perfecto orden existente em el universo y asumir éste como producto de una suprema razón ordenadora, es decir, de un dios. [...] pensadores anteriores, ya la habían formulad (LOZANO, 1995, p. 125).

várias dinastias helenísticas, que se tornaram universais com o advento do Império Romano, de onde se incentivou o poder concentrado em um só homem *oikumene*, senhor da terra e do céu (LOZANO, 1995, p. 125).

Nesse ambiente em transição, a própria filosofia passou por uma ruptura com o antigo sistema filosófico, os saberes particulares desviaram-se do tronco filosófico, que voltou-se aos grandes problemas do homem, convertendo-se em guia espiritual, e nesse contexto passou a ser tarefa pessoal e a buscar o fortalecimento do indivíduo. Tiago Adão Lara (2001) enfatiza o vazio existencial que, nesse momento histórico, várias correntes tentaram preencher apontando para uma ligação como o cosmos. E ao mesmo tempo convocavam seus adeptos a descobrirem-se como parte de um todo; a realização ou a perfeição pessoal, a felicidade voltava-se para a sua própria intimidade.

O novo humanismo correu o risco e, muitas vezes, nele sucumbiu de alienar as pessoas das tarefas históricas concretas, uma vez que o projeto de sociedade cosmopolita não passou de um projeto formal, para cuja realização jamais se apresentaram as medições históricas necessárias, a não ser o esforço de cada um para ser racional e para convencer os outros de também assumirem esse tipo de vida. A procura quase obsessiva da tranquilidade interior [...] marcaram o novo humanismo com a marca do conformismo sócio-político. O ideal de vida humana é a auto-suficiência interior (LARA, 2001, p. 184-5).

Nessa conjuntura, Paulo de Tarso, um dos principais sistematizadores do cristianismo nascente, encontrou os instrumentos necessários para facilitar a disseminação do cristianismo.

Conforme Jaeger (1961), a missão cristã primitiva coagiu os missionários ou apóstolos a empregarem formas gregas de literatura e discurso, aos dirigirem-se aos judeus helenizados, para quem se viraram primeiro e que encontraram em todas as grandes cidades do mundo mediterrâneo. Isto se tornou ainda mais necessário quando Paulo abordou os gentios e começou a fazer conversos entre eles (JAEGER, 1961, p. 23).

Nesse encontro histórico, ainda segundo Jaeger, além da língua grega ser um fator importante, decisiva foi também a cultura grega e as transformações sociais que foram dinamizadas com as conquistas de Alexandre (356 a.C.-323 a.C.). Em um processo de expansão de séculos, as transformações sociais colocaram ao alcance do judeu helenizado e do “gentio” a doutrina cristã, numa relação dialética, entre o *Kerygma* cristão na tentativa de ultrapassar os limites da Judéia e a cultura grega de largas dimensões geográficas. Barros salienta:

[...]o genial helenista nos adverte contra o erro de ver-se a helenização do pensamento cristão como um processo unilateral, sem relação alguma com as necessidades internas da civilização grega da época. A antiga religião dos deuses olímpicos, após a dissolução da polis, deixara um vazio de tal natureza que as correntes filosóficas mais significativas do mundo greco-romano foram levadas a preencher com a maior espiritualidade, nos termos de uma necessidade religiosa não racional. Quando aparece o cristianismo, torna-se conveniente e, por que não dizer, necessário à mentalidade pagã examinar esta fé que reúne adeptos tão fiéis, avança por todas as terras e, curiosamente, com recursos intelectuais emprestados à própria tradição clássica, parece aplicar com eficiência as formas necessárias para fazer-se entender por todos, gentios e cristãos (BARROS, 2002, p. 02).

Paulo de Tarso, como afirma Benoit e Simon (1987), desempenhou papel capital na gênese e difusão do cristianismo, já que seus pares não deixaram registros suficientemente capazes de rivalizar com suas epístolas.

Os autores advertem sobre o fato de que Paulo de Tarso pode não ser o único artífice da primeira expansão cristã, mas concordam que, de todas as figuras da história cristã primitiva, Paulo de Tarso tornou-se a mais conhecida.

E que dentre os seus registros, as epístolas consideradas autênticas são as únicas, dentre o Novo Testamento que procedem incontestavelmente do período apostólico, constituindo-se assim como os escritos mais antigos do cristianismo (BENOIT: SIMON, 1987, p. 100-101).

Essas epístolas foram escritas a fim de responder às necessidades das comunidades nascentes a partir das viagens feitas por Paulo de Tarso, denominadas pela tradição cristã de “Viagens Missionárias”.

As viagens paulinas: início do magistério

Dentre as comunidades formadas, uma das primeiras a se destacar foi a de Antioquia. A passagem de *Atos* 11,25 relata que Barnabé foi a Tarso à procura de Paulo de Tarso para estruturar a comunidade em Antioquia, que, em franca expansão, necessitava de um reordenamento⁹.

⁹ Barnabé, natural de Chipre, foi um dos primeiros cristãos mencionados no Novo Testamento. Seus pais, Judeus helênicos lhe deram o nome de José (*Ἰωσήφ*), mas quando ele vendeu todos os seus bens e deu o

A população em Antioquia era formada por uma mistura de raças e povos variados. Lá havia também uma colônia muito grande de judeus que pretendiam impor seus dogmas à nova comunidade nascente que mais tarde receberia o nome de comunidade “cristã”. Paulo de Tarso saiu de Tarso, convidado por Barnabé para firmar essa comunidade nos preceitos da doutrina de Cristo em construção naquele momento.

Cerca de 46 d.C. Paulo de Tarso e Barnabé foram comissionados por essa mesma comunidade para uma viagem evangelística a Chipre, cidade natal de Barnabé, passando pela Panfília, Pisídia, Icônio, Listra e Derbe. A partir de Derbe fizeram o caminho de volta buscando confirmar aqueles que haviam se convertido ao cristianismo. E assim passaram por todos esses lugares novamente, como se pode observar na figura abaixo:

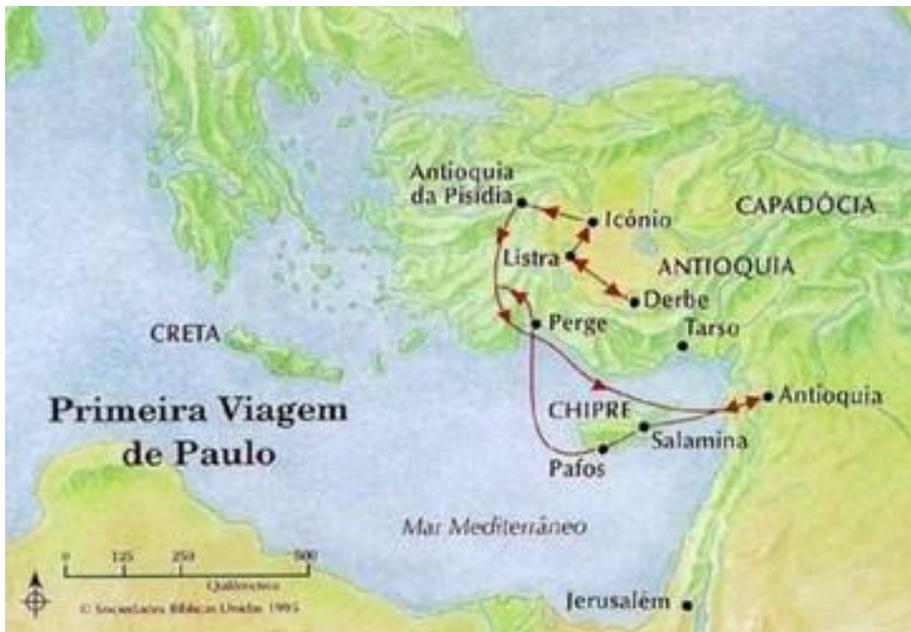


Figura 1- Fonte www.cpad.com.br/paginas/sub_mapa_2.htm

dinheiro aos apóstolos em Jerusalém, eles lhe deram um novo nome: Barnabé. Este parece ser de origem Aramaica **בֶּרְנָבָא**, que significa *(o filho do profeta)*. No entanto, o texto grego do *Atos dos Apóstolos* 4,36 explica o nome como *υἱὸς παρακλήσεως*, *hýios paraklēseōs*, que significa "filho da exortação / consolação" (ATOS 4,36 -37). Foi uma espécie de mentor de Paulo de Tarso (BARBAGLIO,1989).

Entre a primeira e a segunda viagem de Paulo de Tarso, por volta do ano 49 de nossa era, aconteceu o primeiro Concílio Apostólico¹⁰, visando responder e dar soluções às questões que vinham perturbando as comunidades no que diz respeito aos problemas ocasionados pelas contradições entre a nova doutrina cristã e os preceitos judaicos.

Novas condições levantaram novas perguntas. A igreja nascente estava superando seu estágio judaico. Mas os cristãos judeus estavam avançando vagarosamente para a universalidade dessa proposta.

A questão de os considerados “gentios” entrarem nas comunidades fora estabelecida, mas, não teriam de ser circuncidados e se tornarem judeus também? A ruptura de Paulo de Tarso com algumas tradições do judaísmo, em especial com o radicalismo no cumprimento da lei, e o fato de não impô-la aos cristãos de origem pagã, havia provocado várias discussões inclusive entre os líderes das igrejas nascentes.

Três tendências parecem efetivamente ter-se confrontado, cada uma podendo estar ligada a uma personalidade emblemática. A tendência judaizante estava ligada ao nome de Tiago de Jerusalém, “o irmão do Senhor” (Gl 1, 19); [...], preconizava a observância da Torá para todos os cristãos, até mesmo aqueles que provinham do paganismo; e talvez ele ainda contasse com aliados judaizantes mais extremados, que fizeram alguns estragos junto aos gálatas. Paulo representa a tendência exatamente inversa; se os cristãos de origem judaica podiam continuar a prática da lei _ponderava- para ele esta não tinha mais nenhum valor na ordem da justificação. Quanto a Pedro, a epistola aos gálatas situa-o numa posição mediana: ele era bastante partidário das teses paulinas, mas, ao mesmo tempo, pronto a ceder algo as idéias judaizantes quando adversários da parte de Tiago faziam pressão (GL 2,11-13)(QUESNEL, 2004, p.30).

Estas questões trouxeram a necessidade de um Concílio. Nesse concílio os apóstolos buscavam soluções a fim de universalizar as práticas tanto religiosas como morais. Paulo de Tarso e Barnabé foram a Jerusalém a fim de participar com os demais apóstolos.

Quesnel (2004) comenta que decidiu-se, nesse Concílio que os judeus cristãos continuariam, se quisessem, a praticar a circuncisão e a Torá, mas os cristãos advindos do paganismo seriam dispensados de tudo isso.

¹⁰ Concílio é uma reunião ou assembléia para disciplinar os dogmas da fé. O primeiro concílio descrito em Atos 15 realizou-se em Jerusalém (aproximadamente entre 52-53 d. C.) para buscar um acordo entre o grupo de Paulo de Tarso e o dos demais apóstolos a fim de decidirem sobre os gentios e as exigências da lei judaica (QUESNEL, 2004, p. 23 até 31).

Abria-se, pois, a porta para um cristianismo universal. Contudo, fez-se o máximo para manter a comunhão entre os dois ramos da árvore da fé (QUESNEL, 2004, p.31).

Os resultados deste acordo podem ser observados na *Carta aos Gálatas*:

E, reconhecendo a graça que me foi dada, Tiago, Cefas e João, considerados como colunas, deram-nos a mão, a mim e a Barnabé, em sinal de comunhão, a fim de que fôssemos, nós aos pagãos, eles, aos circuncisos. Apenas teríamos de nos lembrar dos pobres, o que eu tive muito cuidado de fazer. Mas quando Cefas veio a Antioquia, eu me opus a ele abertamente, pois assumira uma atitude errada. (GÁLATAS 2, 9-11).

Pouco depois do Concílio, por divergências¹¹ entre Paulo de Tarso e Barnabé, seu companheiro na primeira viagem missionária, Paulo de Tarso partiu para uma segunda viagem na companhia de Silas¹² (ATOS 15,40).

Partindo de Antioquia para as terras da Galácia, seguiram por terra, e, em Listra (cidade da província romana da Licônia e que passou a fazer parte do sul da Galácia), novo companheiro aderiu à viagem, Timóteo¹³.

Desviando do roteiro pretendido a princípio, que era a região ocidental, o norte da Galácia, em Trôade, Paulo de Tarso, fora incomodado por uma “visão”, como relata a tradição, que lhe indicou a Macedônia; assim começou a Evangelização da Grécia¹⁴.

¹¹ Segundo Fabris (1996) a personalidade de Paulo de Tarso demonstrou intolerância, o que contrastava com alguns de seus ensinamentos (ROMANOS 12:21), principalmente para com os que contestavam seus métodos (FABRIS, 1996, p. 42).

¹² **Silas**, forma helenizada de um nome hebraico (talvez **sheal**, “pedir, invocar”, que é a mesma raiz do nome “Saul”), do qual resulta também a forma latinizada **Silvano**. O nome Silas é confirmado só no **Livro dos Atos**. Ele era um judeu de Jerusalém, um dos primeiros que se fizeram cristãos, e naquela comunidade gozava de grande estima (ATOS 15,22), sendo considerado profeta (Atos 15, 32). Foi encarregado de levar “aos irmãos de Antioquia, Síria e Cilícia decisões tomadas no Concílio de Jerusalém e de explicá-las.” (ATOS 15, 23)

¹³ Timóteo nascido em Listra (cerca de 200 km a nordeste de Tarso), de mãe judia e de pai pagão (ATOS 16,1).

¹⁴ Observa-se no mapa (figura 2) o destino realmente percorrido destacado em verde.



Figura 2-Fonte www.cpad.com.br/paginas/sub_mapa_2.htm

Nesta segunda viagem, então, foram visitadas as cidades de Filipos, Tessalônica e Beréia. Chegando à Acaia, visitaram as cidades de Atenas e Corinto, como se pode observar no mapa abaixo:

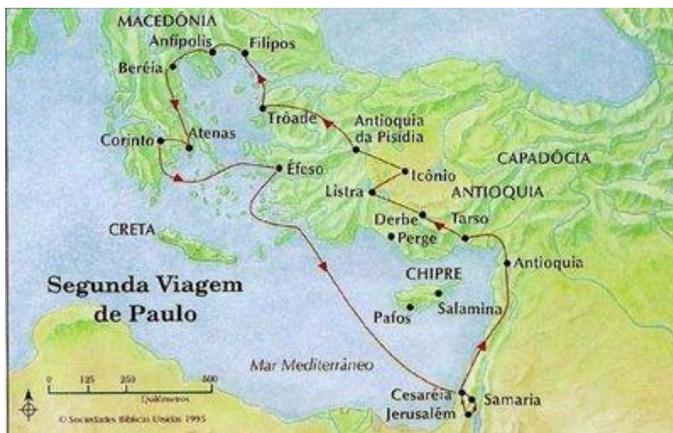


Figura 3-Fonte www.cpad.com.br/paginas/sub_mapa_2.htm

Em Atenas, Paulo de Tarso foi levado ao Areópago onde, a princípio, procurou um ponto de contato para expor aos filósofos a nova doutrina. No areópago era comum os atenienses e estrangeiros ocuparem-se de ouvir novidades, discutindo-as a partir dos referências gregos. Paulo de Tarso ali, nesse confronto, discursou sobre as incompatibilidades entre a doutrina cristã nascente e a filosofia sofística, um discurso que não agradou nem a judeus nem a gregos.

Desde esse encontro, em que Paulo de Tarso não teve êxito, não se dirigiu mais aos filósofos, nem aos sábios, nem aos doutores da lei, mas aos que considerou abandonados (TRESMONTANT, 1964,137).

O encontro no Areópago marcou também, além da mudança de público alvo, uma mudança de pensamento. Paulo de Tarso, a partir desse evento, assumiu posição radical contra o que chamou de filosofia grega, apesar de continuar utilizando muito dos seus conceitos como instrumento didático.

Fabris (2003) comenta que, para abrandar o efeito frustrante desse encontro no Areópago, que marcou a ruptura com o auditório privilegiado de Atenas, que representava a cultura grega, o autor dos *Atos dos Apóstolos* ressalta a conversão de Dionísio membro do conselho do Areópago e de Dâmaris, uma mulher que poderia ser sua parente. A questão é que esse encontro provocou uma reformulação no magistério paulino; e exceto o grupo que se reuniu em torno de Dionísio e de Dâmaris, em Atenas não se organizou nenhuma comunidade cristã naquele momento.

Paulo de Tarso deixou Atenas e se dirigiu apressadamente a Corinto, e em Corinto permaneceu por quase dois anos¹⁵, do fim do ano 50 até os últimos meses do ano 52. De Corinto escreveu suas primeiras cartas, a *Primeira e Segunda aos Tessalonicenses*. Partiu de Corinto para Éfeso, passou por Jerusalém e chegou a Antioquia da Síria.

A terceira viagem missionária foi a época do magistério em volta do mar Egeu (Atos 18), Sob diversos aspectos esse foi o período considerado o mais importante da vida de Paulo de Tarso. Ele visitou toda a Ásia Menor e comunidades foram firmadas na Grécia. Durante esses anos Paulo de Tarso escreveu *I e II Coríntios*, *Romanos* e algumas das chamadas epístolas da prisão.

Tornou a visitar as comunidades cristãs ao redor do mar Egeu, atravessando de Trôade a Macedônia, onde escreveu a epístola chamada *II Coríntios*, e dali partiu para Corinto. Nessa cidade ele passou o inverno e escreveu a *Epístola aos Romanos*, antes de continuar a viagem a Mileto, um porto próximo de Éfeso.

De Antioquia da Síria, Paulo de Tarso voltou para Éfeso. Aí passou cerca de três anos tendo estabelecido aí um dos centros mais importantes do cristianismo na época.

Viajou para Jerusalém para levar auxílio às comunidades carentes e pretendia ir à Síria. Mas, temendo armadilhas, pois os próprios judeus ameaçavam prendê-lo, resolveu ir para a Macedônia.

Da Macedônia, tomando um navio velejou ao longo das costas da Ásia Menor, com breves paradas efetuadas em diversos lugares como Mileto (como se pode observar no mapa), finalmente desembarcou em Tiro, na Síria.

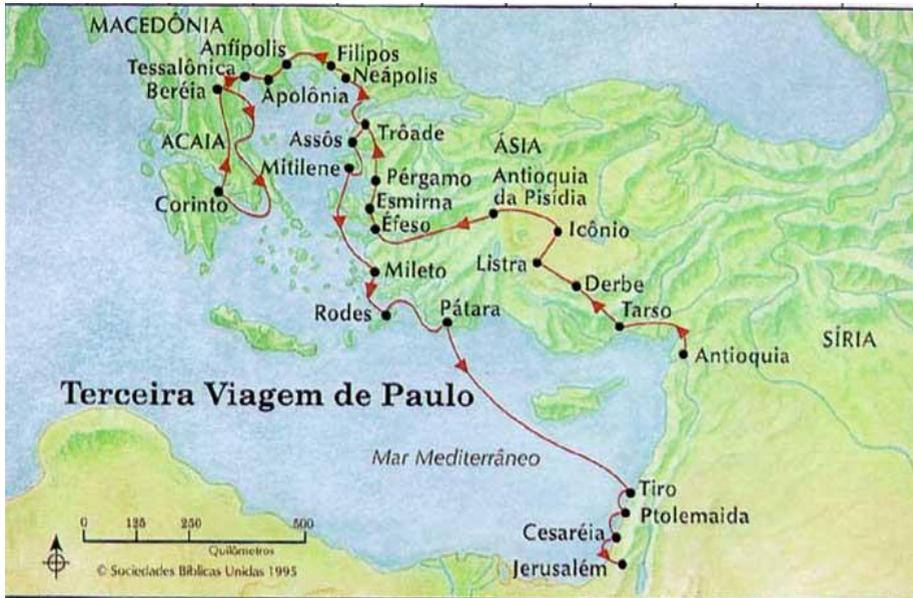


Figura 4-Fonte www.cpad.com.br/paginas/sub_mapa_2.htm

Em *Atos* 21,27-36; 16,16-40, conta-se a história da rejeição dos judeus a Paulo de Tarso em Jerusalém. Os judeus radicais, afrontando-o, causaram uma confusão na qual Paulo de Tarso foi acusado de perturbar a ordem, e encaminhado às autoridades romanas. Nesse momento Paulo de Tarso discursou nas escadarias do Templo, contando com pormenores a sua conversão ao cristianismo. Foi então ameaçado pelos soldados com açoites, mas, ao serem notificados de que era cidadão romano, soltaram-no.

¹⁵ Pode-se precisar esta data graças a um fragmento de uma inscrição de Galião comparada ao relato de *Atos* 18, onde Paulo é levado ao Tribunal de Acaia do qual Galião era procônsul (FABRIS, 2003).

Essa ação causou tal protesto por parte dos judeus e, para sua proteção, Paulo de Tarso foi conduzido às barracas militares e posteriormente conduzido a Cesaréia por um grupo armado.

Conduzido à residência de Félix, procurador romano no período de 52-60 d. C., Paulo de Tarso foi guardado por sentinelas no palácio de Herodes Agripa II (27 d. C.-100 d. C.). Aparentemente esteve em Cesaréia por dois anos.

Com a mudança de procurador em Cesaréia, Pórcio Festo, novo procurador, não quis ouvir o caso de Paulo de Tarso. Ele então apelou para César, reivindicando o que era direito de todos os cidadãos romanos e, dessa maneira, criou-se o motivo de sua viagem a Roma.

O capítulo 27 de *Atos* registra inclusive o naufrágio do navio em que Paulo de Tarso estava e que os obrigou a ficar algum tempo em Malta, ilha que fazia parte da província da Sicília. Dali viajou para Cesaréia, pelo mar, juntamente com outros prisioneiros; fez diversas paradas pelo caminho inclusive permanecendo algum tempo em Malta. Chegou a Roma no ano de 59 d.C. aproximadamente.

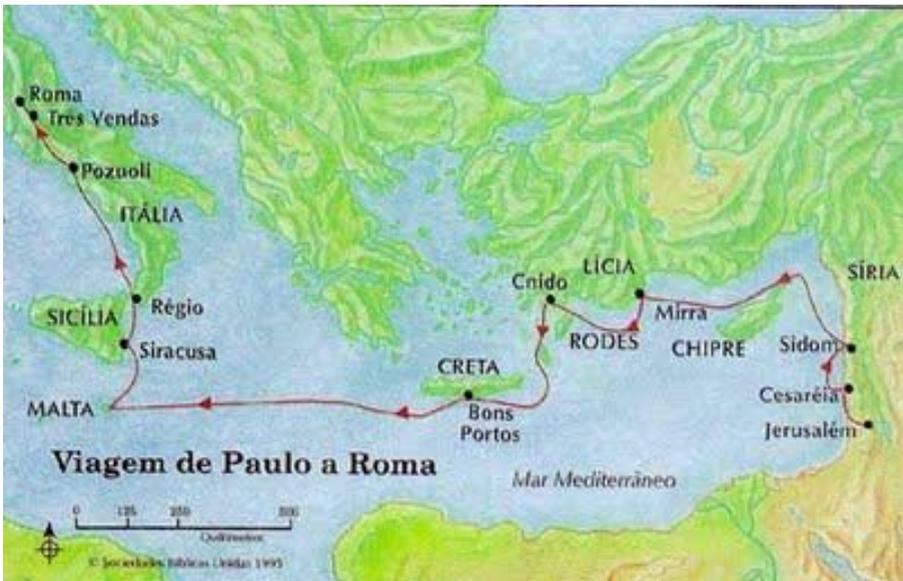


Figura 5-Fonte www.cpad.com.br/paginas/sub_mapa_2.htm

Chegando a Roma, foi mantido em liberdade-custódia, ou seja, podia viver em sua própria casa, desfrutando de liberdade de ação, mas sempre acompanhado de um guarda. Provavelmente ali foram escritas as epístolas aos *Colossenses* e a *Filemon*.

As cartas paulinas objetivavam manter a unidade entre as comunidades formadas, e por seu intermédio pode-se observar como eram essas primeiras comunidades e as crises por elas perpassadas nesse primeiro momento.

Blázquez Martínez (1995) esclarece a respeito das primeiras comunidades cristãs quanto a seus extratos sociais e suas interferências nas crises:

A opinião predominante é que às primeiras comunidades cristãs pertenciam pessoas pobres. Nas últimas décadas, chegou-se a conclusões diferentes.[...]. Concluiu-se que o cristianismo mais primitivo não deve ser visto como qualquer movimento de massa do proletariado, mas como um agrupamento de células mais ou menos excluído, em grande parte constituído de pessoas que vieram da classe média. [...] os conflitos conhecidos na igreja de Corinto ocorreram principalmente entre pessoas de diferentes níveis sociais; as tensões surgiram também no nível individual de atrito e divergências próprias de uma sociedade hierárquica e uma comunidade que estava se esforçando para viver em igualdade (BLÁZQUEZ MARTINEZ, 1995, p. 95-6).¹⁶

Essa diversidade social nas pequenas comunidades contribuiu para que Paulo de Tarso sistematizasse o que mais tarde seria considerada a Paidéia Cristã: à medida que as crises ganhavam corpo nas comunidades, contribuíram para que o escritor, conforme se pode identificar nas últimas cartas, refletisse e conceituasse sua visão de homem e de mundo frente às necessidades imediatas, o que permitiu a sistematização de sua proposta pedagógica de formação humana.

¹⁶ La opinión prevalente es que las primeras comunidades cristianas pertenecían a gentes pobres. En los últimos decenios se há llegado a conclusiones diferentes.[...]. Concluye que el cristianismo más primitivo no debe verse como un movimiento proletário de masas, sino como un reagrupamiento de células más ou menos sobrantes, formadas em gran parte de gentes que procedían de la classe média. [...] los conflictos que se conocen em la iglesia de Corinto se producian casi siempre entre gentes de niveles sociales diferentes; las tensiones, también a nivel individual surgían Del roce y desavenencias propias de una sociedad jerarquizada y una comunidad que tendía a la igualdad (BLÁZQUEZ, 1995, p.95-6).

Considerações finais

A formação educacional de Paulo de Tarso, seu trânsito na interlocução com a cultura judaica e grega, contribuiu para a sistematização e expansão do cristianismo no primeiro século revestindo sua proposta de um caráter de universalidade que buscou atender as necessidades imediatas das comunidades nascentes.

Essa nova reflexão doutrinária exigia uma nova formação educacional voltada a responder a uma nova visão de sociedade e concepção de homem que, Paulo de Tarso, em seu caráter educativo apresentou em suas epístolas.

Como resposta a crise social, provocada, segundo Paulo de Tarso, pelo afastamento do homem de Deus, tornava-se necessário reeducar esse homem para relacionar-se com Deus e com o próprio homem.

Os conceitos de mundo, sociedade e homem se submetem aos mistérios da fé que categorizou, como referencial educacional, um cidadão que transitou como peregrino nesta terra e cujo alvo principal era acumular bens celestes.

Essa transitoriedade da vida, suporte para a única realidade verdadeira - a vida eterna - implicava em renunciar os “prazeres da carne” e preparar-se para viver no espírito.

Nesse sentido, todo o conteúdo da pedagogia cristã em Paulo de Tarso buscou orientar o comportamento dos homens para a vida em comunidades, com vistas à pátria celeste. A transformação dos comportamentos requeria uma dedicação a Deus e um comprometimento com seus pares, negando as formas antigas de vivência e submetendo-se a nova ética do amor.

Papel preponderante em sua argumentação teve o conceito atribuído por ele ao amor-ágape, fator que influenciou toda a sua proposta pedagógica, que apontava para um novo modelo de homem e de conhecimento, que tem no amor sua função formadora.

Os conceitos apresentados pelo autor, como: conceito de mundo, de sociedade, de homem e de educação, responsáveis pela formação de uma identidade cristã, contribuíram para a formação do homem de fé que tem no modelo ideal de homem personalizado em Cristo seu alvo perfeito.

REFERÊNCIAS:

FONTES:

CARTAS PAULINAS In: *BÍBLIA*. Tradução Ecumênica da Bíblia - TEB. Edições Loyola: São Paulo, 1994.

LITERATURA DE APOIO:

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBAGLIO, Giuseppe. *São Paulo, o homem do Evangelho*. Tradução de Epharaim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. *As Cartas de Paulo (I)*. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Loyola, 1989.

_____. *As Cartas de Paulo (II)*. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Loyola, 1991.

BARROS, Gilda Naécia Maciel. *Cristianismo Primitivo e a Padeia Grega*. Disponível em: <http://www.hottopos.com/vdletra2/Gilda.htm#_ftn1> Acesso em: 30/04/2005.

_____. *Eros, A Força do Amor na Paidéia de Platão*. (notas da conferência proferida na I Semana de Estudos Clássicos & Educação da Fac. de Educação da Univ. de São Paulo, 25-4-02). Disponível em <http://www.hottopos.com/vdletra2/Gilda.htm#_ftn1>2002. Acesso em 30/04/2007.

BAUER, J. B. *Dicionário Bíblico- Teológico*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

BENOIT, André; SIMON, Marcel. *Judaísmo e Cristianismo Antigo de Antíoco Epifânio a Constantino*. São Paulo: EDUSP, 1987.

BLÁZQUEZ MARTINEZ, José Maria. *El nacimiento del cristianismo*. Madrid: Editorial Síntese, 1996.

_____. et al. *Cristianismo Primitivo y Religiones Místicas*. Madrid: Cátedra, 1995.

CHARPENTIER, Etienne. *Para Ler o Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1992.

FABRIS, Reinaldo. *Paulo Apóstolo dos gentios*. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. *Para Ler Paulo*. São Paulo: Loyola, 1996.

HOLZNER, Josef. *Paulo de Tarso*. Lisboa: Editorial Áster Ltda, 1959.

-
- JAEGGER, Werner. *Cristianismo Primitivo e Paideia Grega*. Lisboa: Edições 70, 1991.
_____. *Paideia*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- LARA, Tiago Adão. *A filosofia nas suas origens gregas*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001.
- LOZANO, Arminda. Asia Menor en época helenístico-romana. panorama religioso. In
BLÁZQUEZ MARTINEZ, José Maria. at al. *Cristianismo Primitivo y Religiones
Mistéricas*. Madrid: Cátedra, 1995.p.115-125.
- QUESNEL, Michel. *Paulo e as origens do Cristianismo*. São Paulo, Ed Paulinas, 2004.
- SANCHES, Boscho Jordi. *Nascido a Tempo*. A vida de Paulo Apóstolo. São Paulo:
Edições Ave Maria, 1997.
- SEVERINO, A.J. *Filosofia*. São Paulo: Editora Cortez, 1992.
- TRESMONTANT, Claude. *São Paulo e o Mistério de Cristo*. Rio de Janeiro: AGIR Editora,
1964.